

Educação não formal de idosos: revisão sistemática de metodologias de ensino

Non-formal education for the elderly: a systematic review of teaching methodologies

Educación no formal para adultos mayores: revisión sistemática de las metodologías de enseñanza

Recebido: 19/08/2022 | Revisado: 29/08/2022 | Aceito: 30/08/2022 | Publicado: 07/09/2022

Lis Ângela De Bortoli

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9414-6569>
Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
E-mail: lis.debortoli@sertao.ifrs.edu.br

Ana Carolina Bertoletti De Marchi

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7704-3119>
Universidade de Passo Fundo, Brasil
E-mail: carolina@upf.br

Resumo

A aprendizagem ao longo da vida é um processo contínuo que compreende a educação em todas as fases da vida e inclui o contexto da educação formal, não formal e informal. Ainda não há evidências sólidas sobre formas mais otimizadas de ensinar os idosos devido às especificidades dessa faixa etária, suas limitações, perdas físicas e cognitivas. O objetivo deste estudo foi verificar quais metodologias de ensino podem contribuir para a educação não formal de adultos idosos. Para tal, foi conduzida uma revisão sistemática da literatura considerando artigos publicados sobre o tema. As buscas foram realizadas nas bases de dados Eric, IEEE Xplore, Ovid, Science Direct, SpringerLink, SAGE Journals e Wiley Online Library. As características dos estudos foram extraídas e sintetizadas. Foram identificados 544 registros, dos quais 7 estudos atenderam aos critérios de elegibilidade para síntese qualitativa. Resultados apontaram preferência por aprender o que é de interesse e que pode haver melhora no engajamento, na integração social bem como na comunicação.

Palavras-chave: Metodologias de ensino; Educação não formal; Idosos.

Abstract

Lifelong learning is a continuous process that encompasses education at all stages of life and includes the context of formal, non-formal and informal education. There is still no solid evidence on more optimized ways of teaching the elderly due to the specifics of this age group, their limitations, physical and cognitive losses. The objective of this study was to verify which teaching methodologies can contribute to the non-formal education of older adults. To this end, a systematic literature review was conducted considering published articles on the topic. Searches were performed in the Eric, IEEE Xplore, Ovid, Science Direct, SpringerLink, SAGE Journals and Wiley Online Library databases. The characteristics of the studies were extracted and synthesized. A total of 544 records were identified, of which 7 studies met the eligibility criteria for qualitative synthesis. Results showed a preference for learning what is of interest and that there can be improvement in engagement, social integration as well as communication.

Keywords: Teaching methodologies; Non-formal education; Elderly.

Resumen

El aprendizaje permanente es un proceso continuo que abarca la educación en todas las etapas de la vida e incluye el contexto de la educación formal, no formal e informal. Todavía no hay evidencia sólida sobre formas más optimizadas de enseñar a los ancianos debido a las especificidades de este grupo de edad, sus limitaciones, pérdidas físicas y cognitivas. El objetivo de este estudio fue verificar qué metodologías de enseñanza pueden contribuir a la educación no formal de los adultos mayores. Para ello, se realizó una revisión sistemática de la literatura considerando los artículos publicados sobre el tema. Las búsquedas se realizaron en las bases de datos Eric, IEEE Xplore, Ovid, Science Direct, SpringerLink, SAGE Journals y Wiley Online Library. Se extrajeron y sintetizaron las características de los estudios. Se identificaron un total de 544 registros, de los cuales 7 estudios cumplieron con los criterios de elegibilidad para la síntesis cualitativa. Los resultados mostraron una preferencia por aprender lo que es de interés y que puede haber una mejora en el compromiso, la integración social y la comunicación.

Palabras clave: Metodología de enseñanza; Educación no formal; Adultos mayores.

1. Introdução

Percebe-se um acentuado envelhecimento populacional e estima-se que, no Brasil, em 2060, um quarto da população (25,5%) deverá ter mais de 65 anos (IBGE, 2018). Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), quando combinado

com quedas acentuadas nas taxas de fertilidade e avanços na medicina, o aumento na expectativa de vida leva ao rápido envelhecimento das populações em todo o mundo (WHO, 2015).

O envelhecimento humano é influenciado por aspectos biológicos, psicológicos e sociais e pode ser entendido como sendo um processo multifatorial, multicausal, dinâmico e heterogêneo, não havendo uma padronização do seu estabelecimento (Terán, 2018; Machado, et al., 2020). Neste cenário, oportunidades em educação continuada precisam ser consideradas e criadas, visando contribuir para um envelhecimento ativo e saudável.

A aprendizagem ao longo da vida compreende todas as fases da vida e inclui o espectro da educação formal, não formal e informal. Trata-se de um processo que pode ocorrer a qualquer momento da vida e deve contemplar as necessidades de um indivíduo, bem como os de sua comunidade (Laal & Salamati, 2012; Simándi, 2018; Siteo, 2006). As oportunidades de aprendizagem, que historicamente se concentraram nas duas primeiras décadas de vida, precisam ser mais inclusivas para permitir que os idosos desenvolvam novas habilidades e conhecimentos e mantenham um senso de identidade e significado (WHO, 2015).

Promover a aprendizagem ao longo da vida pode melhorar o bem-estar das pessoas idosas, a sua conexão social, sua saúde física e mental e os benefícios também incluem a busca por interesses e objetivos pessoais – um elemento-chave no envelhecimento saudável (WHO, 2020). Assim, é possível constatar que a educação é apontada como uma área importante neste contexto.

A aprendizagem ao longo da vida pode ocorrer nas esferas de educação formal, não formal e informal. Desta forma,

A educação formal é aquela desenvolvida nas instituições de ensino, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – ocorrendo em espaços da família, bairro, rua, cidade, clube, espaços de lazer e entretenimento; nas igrejas [...] A educação não formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. (Gohn, 2014: 40)

Assim como a educação formal, a não formal é a educação institucionalizada, intencional e planejada por um provedor de educação. Contudo, a característica que a define é que ela é uma adição, alternativa e/ou complemento da educação formal no processo de aprendizagem ao longo da vida dos indivíduos (UIS, 2012).

Quanto à educação não formal, Osman et al. (2017) discutem que é a aprendizagem adquirida adicionalmente ou alternativamente à aprendizagem formal e, em alguns casos, também é estruturada de acordo com arranjos educacionais e de treinamento, mas mais flexível. Ainda de acordo com os autores, a aprendizagem não formal geralmente ocorre em estabelecimentos baseados em comunidades, em locais de trabalho e por meio das atividades de organizações da sociedade civil.

Olcott Jr (2013) argumenta que a principal diferença entre a educação formal e a não formal é que a última não resulta em um grau formal conferido por uma instituição autorizada, seu objetivo é ajudar os alunos a perseguir seus próprios objetivos de aprendizagem, dentro do processo de desenvolvimento ao longo da vida. Kim et al. (2019) relatam que alguns alunos não formais usam técnicas sociais, como compartilhar e discutir materiais de estudo com colegas.

Desjardins e Tuijnman (2005) consideram que a educação formal se refere a qualquer educação organizada e sistemática fornecida por escolas e outras instituições educacionais e a educação não formal pode ser definida como qualquer atividade educacional organizada e sistemática que é realizada fora do sistema formal.

Quanto à oferta de educação não formal, sua duração e abrangência é preciso salientar que,

A educação não formal pode ser fornecida por uma ampla variedade de órgãos; incluindo estabelecimentos educacionais, empresas privadas, organizações não governamentais e instituições públicas. Em alguns casos, as

mesmas instituições que oferecem educação formal também podem fornecer educação e treinamento. No entanto, como acontece com os programas de educação formal, o tipo de provedor não deve ser usado como um critério principal para diferenciar educação não formal e treinamento, nem deve ser usado como um critério principal para distinguir entre educação formal e não formal. [...] A duração de um programa não formal pode ser muito curta. Em particular, as atividades de treinamento podem atender a objetivos práticos específicos relacionados ao contexto de trabalho ou vida privada. Um programa não formal pode, portanto, ser frequentemente descrito como um curso (de treinamento). [...] Os programas não formais são frequentemente direcionados à aquisição de conhecimentos práticos, habilidades ou competências em um contexto concreto e, portanto, são frequentemente menos focados na aprendizagem teórica. (UIS, 2012: 76-77)

Para Owusu-Agyeman (2017), o método de inserção dos alunos na aprendizagem não formal costuma ter a participação voluntária de um indivíduo, que julga necessário adquirir conhecimentos considerados essenciais para o desenvolvimento da sociedade. Guo e Reinecke (2014) argumentam que os adultos idosos tendem a ser alunos comprometidos e menos focados nas avaliações.

No entanto, assumir um novo desafio de aprendizagem requer que uma pessoa idosa esteja motivada, tenha informações sobre oportunidades e um ambiente de apoio adequado. Crow (2006) menciona que a motivação é a chave para a aprendizagem ao longo da vida, podendo ser intrínseca ou extrínseca.

Ushioda (2008: 21) define motivação intrínseca como “fazer algo para sua própria recompensa prazerosa e autossustentável de prazer, interesse, desafio ou desenvolvimento de habilidade e conhecimento” e motivação extrínseca como “fazer algo como um meio para obter algum resultado específico”. A motivação intrínseca é vista como mais eficaz em situações de aprendizagem, pois o processo de aprendizagem proporciona uma sensação de satisfação pessoal.

Trabalhar em grupos, com colegas e poder compartilhar experiências são práticas importantes para a aprendizagem de adultos idosos. As habilidades de autogestão podem ser melhoradas com o apoio entre pares e envolvimento de grupo de longo prazo, ou seja, com duração de 3 anos ou mais (WHO, 2015).

A metodologia pedagógica para idosos assenta nos princípios de atividade, independência, protagonismo e participação, de modo a aproximar-se às outras gerações (Martins, 2015). A perspectiva de tempo associada à idade de uma pessoa também pode afetar as metas de aprendizagem e desenvolvimento pessoal; talvez pela própria perspectiva, o aprendizado pode ser mais desejável se for relevante para a realização das atividades diárias de uma pessoa idosa e sendo aplicado no presente, em vez de acessado no futuro (Guo & Reinecke, 2014).

Um dos desafios dos planos educacionais de idosos é lhes proporcionar os recursos necessários para o seu desenvolvimento intelectual e emocional. Com isso, podem conhecer melhor uns aos outros e se relacionar positivamente com o mundo, pois se trata de um estágio da vida em que continuam a desenvolver a personalidade e as habilidades para aprender (Terán, 2018). Os adultos mais velhos valorizam particularmente a aprendizagem experiencial, se isso lhes permitir construir sobre as experiências anteriores que valorizam (Guo & Reinecke, 2014).

Para Boulton-Lewis (2010), continuar a aprender permite que pessoas mais velhas tenham o conhecimento e as habilidades para gerirem a sua saúde, para se manterem a par dos desenvolvimentos em informação e tecnologia, para participarem, para se ajustarem ao envelhecimento, para manterem sua identidade e se manterem interessados na vida.

Contudo, Laal e Salamati (2012) discutem sobre a existência de várias barreiras que precisam ser superadas para facilitar o envolvimento na aprendizagem ao longo da vida. Entre elas citam: as próprias atitudes, pois pessoas mais velhas podem ter atitudes negativas sobre o retorno à aprendizagem por se considerarem muito velhos, por falta de confiança ou motivação, por medo da competição com adultos mais jovens ou, em alguns casos, por medo de que sua formação educacional limitada seja exposta; barreiras físicas e materiais que abrangem os custos educacionais, a falta de tempo, a falta de informações sobre o que está disponível, a falta de conhecimento dos locais onde os serviços educacionais estão sendo oferecidos e problemas com a disponibilidade e acessibilidade de transporte; barreiras estruturais relacionadas à falta de

oportunidades para perseguir seus interesses, maneiras inadequadas de ensinar pessoas mais velhas e problemas com locais inacessíveis e desconhecidos. Acrescentam-se a essas barreiras as perdas físicas e cognitivas decorrentes do processo de envelhecimento.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi verificar quais as metodologias de ensino podem contribuir para a educação não formal de adultos idosos. Para tal, foi conduzida uma revisão sistemática da literatura considerando artigos publicados até novembro de 2020.

2. Metodologia

Este estudo foi conduzido e relatado com base no método PRISMA - Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (Moher et al., 2009). Para Kitchenham e Charters (2007) uma revisão sistemática da literatura é um meio de identificar, avaliar e interpretar as pesquisas disponíveis relevantes para uma determinada questão de pesquisa, área de assunto ou fenômeno de interesse. Enquanto estudos individuais que contribuem para uma revisão sistemática são chamados de estudos primários, a revisão sistemática é uma forma de estudo secundário.

Para nortear esse estudo foi definida a seguinte questão de pesquisa: Quais metodologias de ensino podem contribuir para a educação não formal de adultos idosos? Além desta, outras questões orientaram a análise dos estudos: (I) Quais as necessidades de aprendizagem dos adultos idosos? (II) O que motiva o idoso a aprender? (III) Quais as preferências de aprendizagem dos adultos idosos? (IV) Como os adultos idosos efetivamente aprendem? (V) Qual a fundamentação teórica das metodologias?

Com base na questão de pesquisa, o termo de busca foi delineado com palavras-chave alinhadas ao contexto dos estudos pretendidos para a revisão. Em 2020, uma pesquisa no Google indicou 173.000.000 resultados para o termo de pesquisa *elderly*, 7.410.000 resultados para o *teaching method* e 3.870.000 para *non-formal education*.

Sinônimos foram consultados na literatura para compor o termo de busca de acordo com a estratégia PICO (População, Intervenção, Contexto). Para o termo *idoso* também foram consultados sinônimos nos Descritores em Ciências da Saúde do DeCS (Bireme, 2020). Foram utilizadas palavras-chave adicionais para expandir o escopo.

A busca foi realizada nas bases de dados eletrônicas disponibilizadas pela CAPES (acesso CAFE): Eric, IEEE Xplore, Ovid, Science Direct, SpringerLink, SAGE Journals e Wiley Online Library. A expressão de pesquisa precisou ser adaptada em algumas bases de dados, considerando as especificidades de cada mecanismo de pesquisa, principalmente no que diz respeito à limitação no número de caracteres. O filtro foi aplicado ao título, resumo, palavras-chave e texto completo. Foram considerados todos os estudos primários publicados até a data da pesquisa. Não havia restrições de linguagem e tempo.

Como critérios de elegibilidade foram considerados (I) metodologia ou práticas adotadas de ensino explícitas; (II) existência de resultados da aplicação das práticas; (III) escopo de aprendizagem; (IV) contexto de educação não formal. Foram desconsiderados os artigos cujos dados estavam incompletos, bem como aqueles que, após esgotar todas as alternativas, não foram encontrados os textos completos.

A seleção dos estudos foi estruturada em três etapas: (1) Identificação: string de pesquisa executada nas bases de dados; (2) Triagem: títulos e resumos identificados por meio da estratégia de busca foram revisados com um exame preliminar para determinar se possuíam informações suficientes relacionadas ao objetivo desta revisão e (3) Elegibilidade: estudos potencialmente relevantes, determinados como elegíveis com base no título ou resumo foram recuperados e avaliados com a leitura do texto completo, para estabelecer sua adequação aos critérios de elegibilidade.

Dois investigadores realizaram todas as etapas da seleção dos estudos, simultaneamente e independentemente. Avaliações com resultados idênticos foram mantidas, avaliações divergentes passaram por uma nova análise conduzida em conjunto pelos dois investigadores, para chegar à decisão final. Quando os investigadores não conseguiram chegar a um

acordo, o conflito foi resolvido com a ajuda de um terceiro investigador. Estudos duplicados foram identificados e removidos.

Foi utilizada uma tabela de extração padronizada, cujas linhas correspondem aos dados sobre: contexto do ensino e aprendizagem, público-alvo e faixa etária, duração, motivação, métodos, materiais, coleta de dados e resultados. As colunas relacionam os artigos incluídos no estudo.

A Tabela 1 mostra os termos usados na estratégia de pesquisa. A primeira coluna lista os termos relacionados à população de idosos; a segunda coluna lista termos relacionados ao interesse da pesquisa, neste caso as metodologias de ensino, e a terceira coluna aborda o contexto da pesquisa, educação não formal.

Tabela 1. Termos de pesquisa definidos com a estratégia PICO.

População (P)	Intervenção (I)	Contexto (Co)
<i>elderly</i>	<i>teaching method</i>	<i>non-formal education</i>
<i>elderly people</i>	<i>teaching methodology</i>	<i>non formal learning</i>
<i>elderly person</i>	<i>teaching methodologies</i>	<i>non-formal learning</i>
<i>senior citizen</i>	<i>teaching methods</i>	<i>nonformal learning</i>
<i>senior citizens</i>	<i>teaching practice</i>	<i>non formal education</i>
<i>oldest old</i>	<i>teaching practices</i>	<i>nonformal education</i>
<i>elder people</i>	<i>teaching technique</i>	
<i>elders people</i>	<i>teaching techniques</i>	
<i>elder person</i>	<i>teaching and ageing</i>	
<i>elders person</i>	<i>teaching activity</i>	
<i>older old</i>	<i>teaching activities</i>	
<i>older learner</i>		
<i>older learners</i>		
<i>older adult</i>		
<i>older adults</i>		
<i>older people</i>		
<i>older person</i>		
<i>people aged</i>		

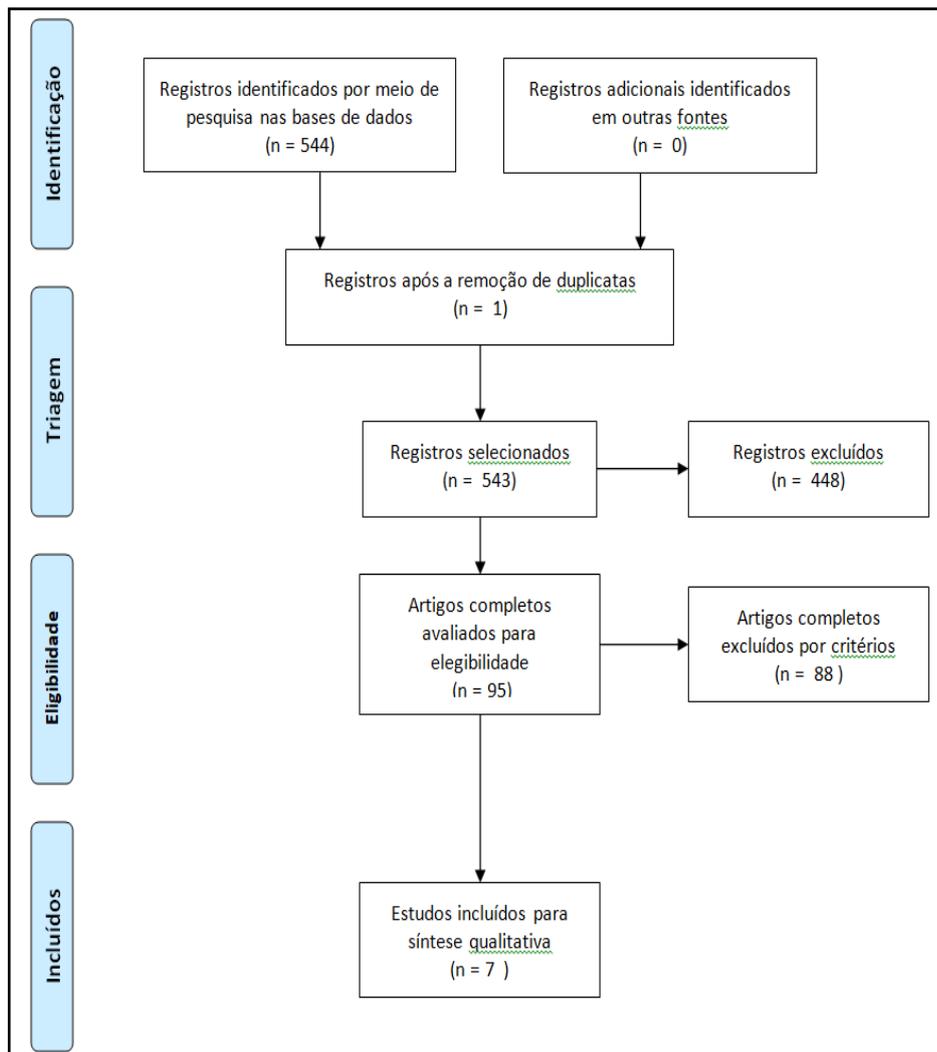
Fonte: Autoras.

3. Resultados

A pesquisa bibliográfica resultou em 544 estudos, sendo um removido por duplicidade. Na sequência, 448 estudos foram excluídos durante a revisão de títulos e resumos. Restaram 95 artigos completos para avaliação da elegibilidade. Destes, 88 estudos foram excluídos por quaisquer critérios de elegibilidade, resultando em 7 estudos incluídos para a síntese qualitativa.

A representação do fluxo de seleção de estudos da pesquisa bibliográfica é apresentada na Figura 1.

Figura 1. Fluxo de seleção de estudos.



Fonte: Adaptação do diagrama PRISMA (Moher et al., 2009)

O Quadro 1 resume as principais características dos estudos relacionadas ao objetivo desta revisão.

Quadro 1. Principais características dos estudos incluídos.

Característica/Estudo	Zantingh, 2014	Kuklewicz & King, 2018	Morrell et al., 2000	Bailey et al., 2010	González et al., 2012	Bugos, 2014	Ngozwana, 2019
Origem	Canadá	Reino Unido	EUA	Irlanda	Espanha	EUA	Swazilândia
População (N)	6	7	60	11	240	40	25
Idade	50 - 79	55 - 68	60 ou +	70 - 84	55 - 91	60 - 86	60 ou +
Duração	24 aulas	6 meses	9 h	5 meses	30 h	24 h	n/d*
	desenho	✓	-	-	-	-	-

Característica/Estudo		Zantingh, 2014	Kuklewicz & King, 2018	Morrell et al., 2000	Bailey et al., 2010	González et al., 2012	Bugos, 2014	Ngozwana, 2019
Con- Texto	2ª língua	-	✓	-	-	-	-	-
	computação	-	-	✓	-	✓	-	-
	queda	-	-	-	✓	-	-	-
	educação musical	-	-	-	-	-	✓	-
	cuidado	-	-	-	-	-	-	✓
Moti- Vação	envelhecimento bem sucedido	✓	-	-	-	✓	✓	-
	social	✓	-	-	-	✓	-	-
	trabalho	-	✓	-	-	-	-	-
	desenvolvimento cognitivo	-	✓	-	-	✓	-	-
	medo de cair	-	-	-	✓	-	-	-
	aprendizagem de tecnologias digitais	-	-	-	-	✓	-	-
	aprimoramento de habilidades musicais	-	-	-	-	-	✓	-
	responsabilidade com a comunidade	-	-	-	-	-	-	✓
	compartilhamento de experiências	-	-	-	-	-	-	✓
	interesse	-	✓	-	-	-	-	✓
colaboração e comunicação	-	✓	-	-	-	-	✓	
	pesquisa-ação	✓	-	-	-	-	-	-
	estratégia de pares e/ou grupo	-	-	-	✓	-	✓	✓
	passo a passo	-	-	✓	-	-	-	-
	auto estudo	-	✓	-	-	-	-	-

Característica/Estudo		Zantingh, 2014	Kuklewicz & King, 2018	Morrell et al., 2000	Bailey et al., 2010	González et al., 2012	Bugos, 2014	Ngozwana, 2019
Método e práticas	aula temática	-	✓	-	-	-	-	-
	compartilhamento de experiências	-	-	-	✓	-	-	✓
	treinamento musical	-	-	-	-	-	✓	-
	aprendizagem funcional	-	-	-	-	-	-	✓
	aprendizagem sócio-cultural	-	-	-	-	-	-	✓
Materia	manual	-	-	✓	-	-	-	-
	experiências e vivências	✓	-	-	✓	-	-	✓
	exercícios	-	✓	✓	-	-	✓	-
	diário digital	✓	-	-	-	-	-	-
	desenhos	✓	-	-	-	-	-	-
	esboços	✓	-	-	-	-	-	✓
	flash-cards, músicas, dicionário, gramática	-	✓	-	-	-	-	-
	instruções passo a passo	-	-	✓	-	-	-	-
	Audiovisual	-	-	-	✓	-	-	-
escalas, peças e teoria musical	-	-	-	-	-	✓	-	
Coleta de dados	observação	✓	-	-	-	-	-	-
	questionário	-	-	✓	-	✓	✓	✓
	entrevista	✓	✓	-	-	-	-	✓
	etnografia	-	-	-	✓	-	-	-
	painel de especialistas	-	-	-	✓	-	-	-

*não definido. Fonte: Autoras.

Percebe-se que o contexto de ensino e aprendizagem dos estudos selecionados é distinto, enfatizando que o idoso é seletivo, optando por atividades que são úteis, aplicáveis ao momento atual e prazerosas. O tempo variou de estudo para estudo, observando-se uma tendência para formações de curta duração.

Acerca dos públicos-alvo, percebe-se que todos abrangem perfis de idosos. No estudo de Zantingh (2014), participaram somente mulheres, uma delas com 50 anos. O trabalho de Kuklewicz e King (2018) contou com seis mulheres e um homem, de 55 a 68 anos. Em González et al. (2012), os participantes foram divididos em dois grupos de trinta idosos cada: os mais jovens (60 a 74 anos) e os mais velhos (75 anos ou mais). O estudo de Bailey et al. (2010) envolveu onze participantes de 70 a 84 anos na investigação etnográfica e destes, quatro mulheres e três homens participaram do painel de especialistas. O estudo de González et al. (2012) incluiu 240 participantes de 55 a 91 anos e o de Bugos (2014), 40 participantes entre 60 a 86 anos, divididos em dois grupos: 20 em aulas em grupo de piano e 20 em grupo de percussão. Vinte e cinco mulheres com 60 anos ou mais e 60 pessoas com 60 anos ou mais se envolveram nos estudos de Ngozwana (2019) e de Morrell et al. (2000) respectivamente.

As motivações dos idosos para participação em atividades de ensino estão relacionadas, principalmente, ao envelhecimento bem-sucedido, ao engajamento e integração social e ao aprimoramento de capacidades e habilidades. Foram identificados também, o aprendizado de novas tecnologias, o interesse, o desenvolvimento cognitivo, o trabalho, a troca de experiências e a colaboração como fatores motivacionais. Em dois dos estudos a motivação esteve associada a realidades impostas: o medo de cair (Bailey et al., 2010) e a prática de cuidados como responsabilidade comunitária (Ngozwana, 2019).

A fim de atender aos objetivos de aprendizagem, os autores dos estudos optaram por metodologias próprias de ensino, cada qual atendendo às especificidades dos respectivos contextos. Zantingh (2014), que transformou a sala da casa de uma das estudantes em ambiente de aprendizagem de desenho, optou pela pesquisa-ação e pela pesquisa baseada em artes. Bailey et al. (2010) usaram estratégias de aprendizagem entre pares, na qual uma equipe de pesquisa multidisciplinar facilitou o compartilhamento do grupo de pessoas.

Em Ngozwana (2019), as experiências compartilhadas foram traduzidas em conteúdos audiovisuais que foram assistidos e discutidos pelo grupo. A aprendizagem funcional foi aplicada, por meio da observação de algumas atividades realizadas pelos voluntários treinados e oficinas ministradas pelo centro de saúde local. Além disso, foi utilizada a aprendizagem sociocultural com o compartilhamento de experiências, dramatizações e discussões em pequenos grupos.

Kuklewicz e King (2018) e Bugos (2014) empregaram estratégias típicas de ensino de línguas e de música respectivamente. Morrell et al. (2000) aplicaram um manual em formato ilustrado para auxiliar procedimentos básicos de computador, antes de fornecer instruções sobre o uso do sistema. Além disso, foram utilizadas ferramentas de instruções passo a passo e páginas de informações. No estudo de González et al. (2012), a preocupação foi abordar o conceito de participação social dos idosos, por meio da compreensão de suas atitudes e comportamentos em relação às atividades.

Os materiais utilizados como apoio foram variados, possivelmente devido aos diferentes contextos nos quais os estudos foram conduzidos, bem como as metodologias adotadas. Para coletar os dados, Zantingh (2014) observou as alunas artistas e ouviu suas conversas e histórias; também utilizou entrevistas. Kuklewicz e King (2018), em sua abordagem de investigação narrativa, utilizaram uma série de entrevistas semiestruturadas, das quais derivaram “pequenas histórias”. Morrell et al. (2000), González et al. (2012), Bugos (2014) e Ngozwana (2019) utilizaram questionários.

Bailey et al. (2010) empregaram etnografia e um painel de especialistas em quedas, onde foram compartilhados histórias e depoimentos. Além do questionário, que foi utilizado para os idosos, Ngozwana (2019) escolheu, para os líderes comunitários, entrevistas semiestruturadas gravadas, que posteriormente foram transcritas para o inglês para análise qualitativa de conteúdo.

3.1 Resultado dos Estudos

Quanto à fundamentação teórica, alguns dos estudos mencionam a teoria de aprendizagem ao longo da vida (Zantingh, 2014; Kuklewicz & King, 2018; González et al., 2012). Zantingh (2014) utilizou a pesquisa-ação, que compartilha suas raízes marxistas com a premissa da teoria do ponto de vista feminista, que informa as perspectivas e fornece um modo de aprendizagem em que todos podem se tornar co-aprendizes e co-professores. A teoria do ponto de vista feminista ajudou a autora a entender que mesmo as mulheres com privilégios assumidos são às vezes marginalizadas e em alguns casos oprimidas devido à idade (Zantingh, 2014). O trabalho de Bugos (2014) tem sua base ancorada na Andragogia, a arte e a ciência da aprendizagem de adultos, que fornece uma estrutura conceitual a partir da qual se pode discutir características dos alunos adultos (Kapur, 2015). Ainda, Bugos (2014) menciona o envelhecimento bem sucedido que está associado à manutenção da saúde física, social e mental e o Modelo de Processo de Aprendizagem da Educação de Adultos de Jarvis, que enfatiza a experiência no contexto do autoconceito adulto para aprendizagem independente e as extensões nas quais os papéis sociais são desenvolvidos (Jarvis, 2012). O estudo de González et al. (2012) aponta que o aprendizado e o uso de novas tecnologias pelos idosos é visto como uma demanda para sua inserção na sociedade e como fator relacionado ao envelhecimento ativo. Kuklewicz e King (2018) abordaram a geragogia, uma teoria educacional voltada especificamente para os adultos mais velhos. Ngozwana (2019) discute a aprendizagem sociocultural, na qual os idosos compartilham suas experiências na interação social. Também se baseia na aprendizagem indígena Sesotho, em que cada pessoa deveria ajudar os outros sem esperar pagamento em troca.

A estratégia de Zantingh (2014) criou uma comunidade de investigação para desenvolver habilidades de prática artística no desenho que se tornou um caminho para a amizade. Para a autora, essa experiência de aprendizagem ajudou algumas das mulheres a superar seus medos e as alunas cresceram em suas habilidades como artistas e em sua apreciação pelas artes e estética. Algumas das mulheres foram capazes de abandonar as imposições sociais e educacionais de aderir somente a acertos e erros, e seguir em direção a uma abordagem mais generosa e desimpedida de fazer arte. A autora ainda observou que os relacionamentos entre os alunos são fatores essenciais para os adultos quando eles aprendem, porque são esses relacionamentos que contribuem para um sentimento de pertencimento - produzindo ambientes positivos e seguros. Revelou-se que o papel do professor tem uma abordagem diferente ao ensinar idosos, tornando-se mais um guia e mentor do que uma figura autoritária. Conhecer as experiências de vida dos alunos mais velhos é igualmente importante para o professor.

No estudo de Kuklewicz e King (2018), quando questionados sobre conselhos para aprimorar o ensino de adultos mais velhos, a maioria dos participantes focou nas qualidades do professor. Eles perceberam que este desempenha papel fundamental na aprendizagem bem-sucedida, e uma característica fundamental é a paciência. Apesar das perdas físicas e cognitivas, acredita-se que adultos mais velhos ainda retêm uma capacidade própria de aprender e se desenvolver, mas podem demorar mais tempo. Houve engajamento, os participantes estavam ansiosos para aprender, intrinsecamente motivados, tinham orgulho de suas realizações e mostraram alto nível de entusiasmo e comprometimento.

No trabalho de Morrell et al. (2000) há algumas evidências de que os idosos podem ser capazes de reter uma proporção relativamente alta de habilidades de informática ao longo do tempo, quando adequadamente treinados. Evidenciou-se que pode ser melhor usar instruções simples ao treinar adultos mais velhos para executar tarefas de computador, porque eles exigem menos das habilidades cognitivas. Ainda, detectaram que a idade, a condição de instrução e o tempo de avaliação influenciaram o número de erros feitos pelos participantes, bem como o número de intervenções do experimentador solicitadas pelos participantes, mas nenhum efeito significativo foi observado por problemas de controle motor ao longo das avaliações.

A abordagem de pares adotada por Bailey et al. (2010) enfatizou o compartilhamento de experiências e o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento. Os participantes sentiram-se encorajados em compartilhar experiências e há indícios de maior receptividade sobre o assunto com a educação mais prática. Foi detectada uma sensação de enquadramento

no contexto mais amplo da vida cotidiana e houve oportunidades para refletir, visitar e reconsiderar pontos de vista anteriores. Os participantes retiveram muitos dos conselhos e, espontaneamente, basearam-se nisso para dar conselhos a outras pessoas. Notou-se melhores resultados pelo fato do grupo ser constituído por pessoas que não se conheciam tão bem, mas já tinham passado por problemas semelhantes. Havia um senso de propósito comum e com a equipe de pesquisa, e ao final do trabalho, foi formada uma comunidade de interesse.

No estudo de González et al. (2012), detectou-se que, quando o idoso confiava em si mesmo, sentia-se mais participativo e mais confiante para aprender o conteúdo do curso. Os participantes que estavam mais dispostos a fazer o que fosse necessário para aprender os conteúdos do curso, também acreditavam que os utilizarão no seu dia a dia. O envolvimento em diversas atividades trouxe uma maior experiência e contato com o mundo das novas tecnologias, levando a atitudes mais positivas sobre sua utilidade e aprendizado. Há uma preferência dos participantes por ocupar o tempo de uma maneira mais ativa de aprendizagem ao longo da vida e não tanto por meio do entretenimento passivo. Quanto a usar o que aprenderam na aula, em sua vida cotidiana, revelou-se que aprender, ser ativo e comunicar-se foram aspectos relevantes para compreender a participação e o desejo de integração social por parte dos idosos.

Em Bugos (2014) os idosos se inscrevem nos programas para aprimorar seus conhecimentos e habilidades de desempenho musical e também pela socialização. As experiências anteriores dos participantes contribuíram para a sua capacidade de autorregulação. Como pontos fortes do programa, relataram-se preferências por instrutor incentivador, experiente e paciente. Prazer por participar foi relacionado à autorrealização. O estudo ainda apontou que os adultos são orientados para a aprendizagem por meio da compreensão da relação de habilidades e conceitos, com os desafios imediatos. O impacto da orientação também pode ser descrito como aprendizagem centrada no problema.

No estudo de Ngozwana (2019) os adultos mais velhos aprenderam sobre o papel de cuidador com a atividade de cuidar de seus familiares enfermos. O que aprenderam não pode ser separado da atividade de cuidar, pois os indivíduos estão inseridos em um contexto de relações sociais interdependentes e, portanto, não isolados de seu ambiente, que juntamente com a sociedade têm obrigações mútuas igualitárias. Aprenderam informal e não formalmente através de meios sociais e socioculturais de aprendizagem. Sustentavam seu trabalho de cuidado como resultado da socialização e foi incutido neles o amor pelo trabalho prático. Houve compartilhamento de experiências e troca de informações, de forma colaborativa. Estavam sempre motivados para aprender o que serve aos seus interesses e assimilaram com os desafios de cuidar. O Quadro 2 apresenta uma síntese dos principais resultados dos estudos incluídos nesta revisão sistemática.

Quadro 2. Principais resultados dos estudos incluídos.

Estudo	Resultados
Zantingh, 2014	desenvolvimento de habilidades de prática artística, amizade, superação de medos, empatia, habilidades de apreciação pelas artes e estética; abandono de laços sociais e educacionais autoimpostos; espaço seguro; autodomínio; melhora no desempenho cognitivo e qualidade de vida; resolução de problemas por conta própria.
Kuklewicz & King, 2018	atitudes positivas; engajamento; ansiosos para aprender; intrinsecamente motivados, orgulhosos de suas realizações; alto nível de entusiasmo e comprometimento; não esperam resultados rápidos; querem ser tratados como alunos comuns; professor deve ser paciente; ritmo da aula lento; variedade de materiais específicos para problemas de audição e visão; estratégias específicas melhoram a memória.
Morrell et al., 2000	idosos mais jovens mais capazes de realizar as tarefas; instruções simples facilitaram a retenção; idosos mais velhos capazes de reter uma proporção alta de

Estudo	Resultados
	habilidades de informática ao longo do tempo; não havia variância significativa relacionada à idade e erros de desempenho em instruções simples; a compreensão de texto teve relação fraca para erros de desempenho ou o número de intervenções; melhor usar instruções simples porque exigem menos habilidades cognitivas; declínios relacionados à idade podem ser responsáveis por diferenças de desempenho; evidências de que idosos mais velhos podem adquirir e reter habilidades de computador com o tempo.
Bailey et al., 2010	compartilhamento de experiências e desenvolvimento de estratégias de enfrentamento; há indícios de maior receptividade com prática; sensação de enquadramento; oportunidades para refletir, visitar e reconsiderar pontos de vista anteriores; retenção dos conselhos; ajudou o fato das pessoas não se conhecerem e terem problemas semelhantes.
González et al., 2012	homens da cidade mais envolvidos, mulheres mais autoconfiantes; idosos das áreas rurais mais confiantes; envolvimento em diversas atividades traz maior experiência e atitudes mais positivas; idosos das zonas rurais mais confiantes; sujeitos mais envolvidos atribuem a si mesmos serem participativos; experiência com computadores está relacionada à utilidade; idosos com menos experiência em informática acreditam que a aula será mais difícil; fazer o curso para ter forma mais ativa de ocupar o tempo do que entretenimento; usar o que aprenderam está relacionado ao aprender, ser ativo e comunicar-se; correlação positiva entre participação e atitude positiva, como confiança e autoconfiança.
Bugos, 2014	experiências anteriores contribuem na autorregulação; idosos são mais capazes de monitorar os erros; estratégias de prática aumentam níveis de desempenho; instrutor incentivador, experiente e paciente; prazer por participar e autorrealização; metade dos participantes preferiu a instrução em grupo; limitações: acomodações físicas, falta de atenção individual, tamanho da turma e duração das aulas, nervosismo; desafios: ritmo acelerado, coordenação bimanual, prática e desafios rítmicos, teoria musical, dedilhado; mudança nas habilidades cognitivas relacionadas à memória, concentração ou atenção, mudanças de humor; média de 7,3 novas amizades; planejam manter contato.
Ngozwana, 2019	aprendizado não pode ser separado da atividade de cuidar; obrigações mútuas igualitárias com a sociedade; aprenderam por meios sociais e socioculturais de aprendizagem; sustentaram seu trabalho de cuidado na socialização; compartilhamento de experiências e troca de informações de forma colaborativa; aprender o que serve aos seus interesses; aprendem com os desafios de cuidar.

Fonte: Autoras.

4. Discussão

Com um mapeamento das diferentes abordagens metodológicas, é útil analisar as propriedades de cada método aplicado, bem como seus resultados. Essa revisão sistemática encontrou indicadores de que a participação de adultos idosos em atividades de ensino não formal, por meio das metodologias de ensino apresentadas nos estudos incluídos, pode contribuir com seu engajamento e integração social (Zantingh, 2014; Kuklewicz & King, 2018; Bailey et al., 2010; González et al., 2012; BUGOS, 2014; NGOZWANA, 2019), sua autoconfiança (Zantingh, 2014; Bailey et al., 2010; González et al., 2012; Bugos, 2014) e melhora na comunicação (Zantingh, 2014; Kuklewicz & King, 2018; Bugos, 2014; González et al., 2012; Ngozwana, 2019).

Verificou-se que, com as formações propostas, os idosos demonstraram entusiasmo (Kuklewicz & King, 2018; González et al., 2012; Bugos, 2014), atitudes positivas (Zantingh, 2014; Kuklewicz & King, 2018; Bailey et al., 2010; González et al., 2012; Bugos, 2014; Ngozwana, 2019), são abertos a aprender (Zantingh, 2014; Kuklewicz & King, 2018;

Morrell et al., 2000; Bailey et al., 2010; Bugos, 2014; González et al., 2012; Ngozwana, 2019), engajados (Zantingh, 2014; Kuklewicz & King, 2018; Bailey et al., 2010; González et al., 2012; Bugos, 2014; Ngozwana, 2019) e participativos (Zantingh, 2014; Kuklewicz & King, 2018; Morrell et al., 2000; Bailey et al., 2010; Bugos, 2014; González et al., 2012; Ngozwana, 2019).

Há indícios de que os idosos preferem aprender o que lhes interessa (Kuklewicz & King, 2018; González et al., 2012; Morrell et al., 2000; Bugos, 2014; Ngozwana, 2019), em grupo de forma colaborativa (Zantingh, 2014; Kuklewicz & King, 2018; Morrell et al., 2000; Bailey et al., 2010; Bugos, 2014; González et al., 2012; Ngozwana, 2019), compartilhando experiências (Bailey et al., 2010; Bugos, 2014; Ngozwana, 2019) e podem adquirir e reter habilidades (Morrell et al., 2000; Bailey et al., 2010; González et al., 2012).

Os estudos incluídos nesta revisão mencionaram sinais secundários de que a presença de um professor/instrutor/mediador paciente e incentivador é benéfica ao aprendizado (Zantingh, 2014; Kuklewicz & King, 2018; Bugos, 2014). Pondera-se que o ritmo das aulas deve ser mais lento (Zantingh, 2014; Kuklewicz & King, 2018; Bugos, 2014) e que os idosos melhoram o desenvolvimento cognitivo com atividades educativas (Zantingh, 2014; Kuklewicz & King, 2018; Morrell et al., 2000; González et al., 2012; Bugos, 2014). Ainda mencionam a busca pelo envelhecimento ativo e bem sucedido como fatores motivacionais (Zantingh, 2014; González et al., 2012). Sendo assim, é possível inferir que as perdas físicas e cognitivas decorrentes do envelhecimento devem ser consideradas na proposta de práticas educativas que envolvam idosos.

Com exceção de Bugos (2014) e Ngozwana (2019), os estudos agregaram mídias digitais às metodologias de ensino, evidenciando uma possibilidade de apoio para favorecer o aprendizado. Além disso, os resultados de todos os estudos sugerem que intervenções que combinam várias estratégias de ensino podem ser mais eficazes, pois consideram diversos perfis de idosos e estilos de aprendizagem variados.

No entanto, esses indicadores não foram suficientemente robustos para tirar conclusões definitivas sobre a eficácia dessas intervenções devido à heterogeneidade entre os estudos, bem como seu delineamento, duração, técnica de avaliação e resultados. As técnicas de avaliação usadas dependem fortemente do autorrelato e do pensamento dos participantes, que são naturalmente subjetivos e suscetíveis a omissões e interpretações erradas. Portanto, essas técnicas podem estar negligenciando informações importantes.

Cabe salientar que os estudos envolvidos nesta revisão sistemática confirmaram vários tópicos apontados na literatura sobre a educação não formal de idosos, conforme descrito anteriormente neste artigo. Essa relação é evidenciada principalmente no que diz respeito à motivação de aprender algo que seja importante no momento e que tenha significado para sua fase de vida, gostar de desafios, maior foco no aprendizado do que em avaliações, preferência pelo trabalho em grupo, protagonismo, participação voluntária, apreciação por compartilhar suas experiências e aproximação às outras gerações.

5. Limitações

Foram utilizados termos de busca específicos, que podem não ter capturado todos os artigos sobre o assunto. Os estudos revisados têm contextos, itens e tamanhos diferentes o que dificulta um mapeamento padronizado. Este trabalho detalha apenas os métodos, sem enfatizar quantas vezes foram utilizados, o tamanho da amostra e a duração dos estudos.

6. Considerações Finais

Como os estudos considerados foram bastante diversos em termos de métodos, materiais, entre outros itens, supõe-se que o contexto de aprendizagem, as características do público-alvo, bem como as práticas adotadas, desempenham um papel fundamental nos resultados, o que também justifica a continuidade da investigação nesta área. É possível inferir que apesar dos

diferentes métodos e práticas adotadas, os estudos tiveram resultados positivos na educação dos idosos, evidenciando que estes querem estar engajados e aprendendo continuamente.

Percebe-se, no contexto pandêmico vivenciado desde 2020, que o uso de tecnologias se faz altamente necessário, principalmente quando se trata de idosos, considerado grupo de risco. Este fato revela-se uma tendência para propostas futuras que envolvam práticas educativas não formais para este público. No entanto, ainda são necessárias pesquisas adicionais sobre as metodologias e práticas disponíveis e os padrões de estratégias aplicadas nas intervenções de educação não formal de idosos. Na continuidade deste trabalho pretende-se a elaboração de proposta metodológica no contexto da educação gerontológica.

Agradecimentos

As autoras agradecem ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo apoio. Este estudo foi financiado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Brasil.

Referências

- Bailey, C., King, K., Dromey, B., & Wynne, C. (2010). Fear of Falling and Older Adult Peer Production of Audio-Visual Discussion Material. *Educational Gerontology*, 36 (9), 781-79. <https://doi.org/10.1080/03601277.2010.485024>.
- Bireme. (2020). *DeCS/MeSH - Descritores em Ciências da Saúde*. <https://decs.bvsalud.org/>.
- Boulton-Lewis, G. M. (2010). Education and learning for the elderly: why, how, what. *Educational Gerontology*, 36 (3), 213-228. <http://dx.doi.org/10.1080/03601270903182877>.
- Bugos, J. A. (2014). Adult Learner Perceptions: Perspectives From Beginning Musicians (Ages 60-86 Years). *Update: Applications of Research in Music Education*, 32 (2), 26-34. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/8755123314521034>.
- Crow, S. R. (2006). What Motivates a Lifelong Learner? *School Libraries Worldwide*, 12 (1), 22-34. <https://www.researchgate.net/publication/251296152>.
- Desjardins, R., & Tuijnman, A. (2005). A general approach for using data in the comparative analyses of learning outcomes. *Interchange*, 36 (4), 349-370. <https://doi.org/10.1007/s10780-005-8164-4>.
- Gohn, M. G. (2014). Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. *Investigar em Educação*, 2 (1), 35-50. https://www.academia.edu/34360410/Educa%C3%A7%C3%A3o_N%C3%A3o_Formal_Aprendizagens_e_Saberes_em_Processos_Participativos?email_work_card=reading-history.
- González, A., Ramírez, M. P., & Viadel, V. (2012). Attitudes of the Elderly Toward Information and Communications Technologies. *Educational Gerontology*, 38 (9), 585-594. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03601277.2011.595314>
- Guo, P. J., & Reinecke, K. (2014). Demographic differences in how students navigate through MOOCs. *Anais da ACM Conference on Learning @ scale conference*. New York, NY, USA, 1. https://roc-hci.com/wp-content/uploads/demo_mooc.pdf.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). *Projeção da População 2018: número de habitantes do país deve parar de crescer em 2047*. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018-numero-de-habitantes-do-pais-deve-parar-de-crescer-em-2047>.
- Jarvis, P. (2012). Learning from Everyday Life. *HSSRP*, 1 (1), 1-20. <http://hssrp.uaic.ro/continut/1.pdf>.
- Kapur, S. (2015). Andragogy: The Adult Learning Theory. *Indian Journal of Adult Education*, 76 (2), 50-60. https://www.researchgate.net/publication/281373854_Andragogy_The_Adult_Learning_Theory.
- Kim, D., Lee, I-H., & Park, J-H. (2019). Latent class analysis of non-formal learners' self-directed learning patterns in open educational resource repositories. *British Journal of Educational Technology*, 50 (6), 1-17. <https://doi.org/10.1111/bjet.12746>.
- Kitchenham, B., & Charters, S. (2007). *Guidelines for performing systematic literature reviews in software engineering*. *EBSE Technical Report*. <http://citeserx.ist.psu.edu/viewdoc/download?jsessionid=884BDF3E543177654A9E5F2A05F3A25C?doi=10.1.1.117.471&rep=rep1&type=pdf>.
- Kuklewicz, A., & King, J. (2018). "It's never too late": A Narrative Inquiry of Older Polish Adults' English Language Learning Experiences. *The Electronic Journal for English as a Second Language*, 22 (3). <http://www.tesl-ej.org/wordpress/issues/volume22/ej87/ej87a5/>
- Laal, M., & Salamati, P. (2011). Lifelong learning: what does it mean? *Procedia Soc Behav Sci*. <http://dx.doi.org/10.1016/j>.
- Machado, K. B. G., Pereira, S. O., & Cezario, N. D. (2020). A Compreensão do Envelhecimento através de Teorias Biológicas. *Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico*, 6 (1), 254-262. <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v6n1a20>.
- Martins, E. C. (2015). Educar adultos maiores na área da educação social: a intergeracionalidade numa sociedade para todas as idades. *Inter-Ação*, 40 (3), 665-

686. <https://doi.org/10.5216/ia.v40i3.35750>.

Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., & Altman, D. G. (2009). *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement*. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>.

Morrell, R. W., Park, D. C., Mayhorn, C. B., & Kelley, C. L. (2000). Effects Of Age And Instructions On Teaching Older Adults To Use Eldercomm, An Electronic Bulletin Board System. *Educational Gerontology*, 26 (3), 221-235. <https://doi.org/10.1080/036012700267213>.

Ngozwana, N. (2019). Experiences of older adults as caregivers during times of disruption in Lesotho—Implications for adult education. *Zfw*, 42 (2), 289-304, 2019. <https://doi.org/10.1007/s40955-019-0127-y>.

Olcott Jr, D. (2013). Nuevas líneas de aprendizaje: potenciar el uso de recursos educativos abiertos para reforzar la educación no formal. *Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento*, 10 (1), 151-169. https://www.researchgate.net/publication/271267002_New_Pathways_to_Learning_Leveraging_the_Use_of_OERs_to_Support_Non-formal_Education.

Osman, A., Ladhani, S., Findlater, E., & Mckay, V. (2017). *Curriculum Framework for the Sustainable Development Goals*. Commonwealth Secretariat. https://www.thecommonwealth-educationhub.net/wp-content/uploads/2017/01/Curriculum_Framework_for_SDGs_July_2017.pdf.

Owusu-Agyeman, Y. (2017). Expanding the frontiers of national qualifications frameworks through lifelong learning. *International Review of Education*, 63 (5), 657-678. <https://doi.org/10.1007/s11159-017-9661-2>.

Simándi, S. (2018). Intergenerational Learning – Lifelong Learning. *Acta Educationis Generalis*, 8 (2), 63-71 <https://doi.org/10.2478/atd-2018-0012>.

Siteo, R. M. (2006). Aprendizagem ao Longo da Vida: Um conceito utópico? *Comportamento Organizacional e Gestão*, 12 (2), 283-290. <http://www.scielo.mec.pt/pdf/cog/v12n2/v12n2a09.pdf>.

Terán, V. R. G. (2018). Educación del adulto mayor para enfrentar limitaciones derivadas del envejecimiento. *Transformación*, 14 (1), 70-80. <http://scielo.sld.cu/pdf/trf/v14n1/trf07118.pdf>.

UIS - Unesco Institute for Statistics. (2012). *International Standard Classification of Education*. <http://uis.unesco.org/sites/default/files/documents/international-standard-classification-of-education-isced-2011-en.pdf>.

Ushioda, E. (2008). Motivation and good language learners. IN C. Griffiths (Org.), *Lessons from good language learners* (pp 19-34). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511497667.004>.

WHO - World Health Organization. (2015). *World report on ageing and health*. <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186463/9789240694811>.

WHO - World Health Organization. (2020). *Decade of healthy ageing: baseline report*. Geneva: World Health Organization. 2020. Licence: CC BY-NC-SA 3.0 IGO.

Zantingh, P. (2014). Space For Drawing: Women, Art, Love, And Fear. *Canadian Journal for the Study of Adult Education*, 27 (1), 29-77. https://cjsae.library.dal.ca/index.php/cjsae/article/view/3404/pdf_35